Globethics Repository




# Preservação de valor

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

| | |
|---|---|
| Item Type | Article |
| Authors | Mota, Rosane Maria |
| Publisher | Néfipo - UFSC |
| Rights | Creative Commons Copyright (CC 2.5) |
| Download date | 2026-11-01 22:14:52 |
| Link to Item | http://hdl.handle.net/20.500.12424/174322 |

# PRESERVAÇÃO DE VALOR: INDIVÍDUOS E ESPÉCIES[1]

**ROSANE MARIA MOTA[2]**
**Programa de Pós-graduação em Filosofia, UFSC**

**Abstract**

The main aim of this paper is to present Nicholas Agar's approach to a nonantropocentric ethics. This perspective, centralizes the preservation of species' argument. Moral agents must to take into account a kind of regard to individual organisms. The author maintains his conception as alternative to Peter Singer, Tom Regan and Paul Taylor individualistic approach. In these paper, we compare Agar's proposal with Taylor's principle of respect for nature, stressing the scope and limits of Agar's critic of Taylor's approach.
**Keywords:** species, individual, inherent value, own good, biologic altruism, representational goals.

**Resumo**

O objetivo principal deste artigo é apresentar a proposta de Nicholas Agar para uma ética não-antropocêntrica. Essa perspectiva visa a preservação das espécies, cujos agentes morais devem levar em conta certo tipo de consideração a organismos individuais, concepção que o autor defende como alternativa aos argumentos individualistas de Peter Singer, Tom Regan e Paul Taylor, além de confrontá-la com a concepção de respeito pela natureza de Taylor, destacando o alcance e os limites de sua crítica.
**Palavras-chave**: espécie, indivíduo, bem inerente, bem próprio, altruísmo biológico, meta representacional.

## Individualismo alternativo

A atribuição de valor à natureza é uma das questões centrais discutidas por Nicholas Agar em, "Valuing Species and Valuing Individuals"[3]. O autor afirma que há duas formas de atribuir valor à natureza conhecidas pelos filósofos: a antropocêntrica e a não-antropocêntrica[4]. A partir dessa distinção, Agar centraliza sua proposta numa ética não-antropocêntrica fundamentada no valor das espécies[5]. A tendência de uma espécie, em manter sua estrutura frente a uma série de ameaças externas, é um interesse moralmente considerável. Apesar de não se declarar holista, Agar simpatiza com essa perspectiva, considerando ousada a proposta de reconhecer *significância moral* às espécies.

O objetivo do autor é explorar a conexão entre sua perspectiva de ética preservacionista não-antropocêntrica de espécies e as reivindicações sobre o *status* moral de organismos individuais, mostrando que a melhor explicação para o valor dos organismos individuais coincide com uma ética fundamentada no respeito às espécies. A despeito das aparências, Agar considera que uma ética preservacionista não-antropocêntrica de espécies, ampla e aceitável, tem origem num certo tipo de consideração por organismos individuais[6].

Uma natureza graduada segundo a importância de criaturas capazes de se fazerem representar é central na teoria de Agar, baseado na perspectiva de que nossas intuições morais não assinalam valor igual a todos os indivíduos[7].

Segundo o conceito de valor intrínseco, as pessoas acreditam que os seres humanos são intrinsecamente valiosos porque possuem habilidades tais quais a autoconsciência e a faculdade de crer e desejar. Do mesmo modo, os não-antropocentristas procuram habilidades ou características que possibilitem fundamentar a atribuição de valor intrínseco à natureza. As teorias individualistas se expressam em termos de propriedades que um organismo possui, independentemente de ser membro de um grupo. Os preservacionistas, ao contrário, defende Agar, atribuem maior ou menor importância a um organismo, conforme o grupo ao qual ele pertence.

Individualistas conhecidos, como Peter Singer, Tom Regan e Paul Taylor, são os alvos principais da crítica de Agar[8]. Peter Singer e Tom Regan, segundo o autor, consideram dignas de respeito e valor aquelas propriedades dos animais semelhantes às consideradas valiosas em seres humanos[9], concepções que, para Agar, abrangem uma pequena parcela dos seres vivos. Ao se deslocar o valor, do indivíduo para a espécie, percebe-se que os membros de um número relativamente grande de espécies não se qualificam para o respeito moral.

No que se refere à proposta ética de Taylor, Agar a concebe como uma tentativa de remediar o problema do individualismo apresentado nas concepções de Peter Singer e Tom Regan, procurando ampliar a variedade de indivíduos na classe dos consideráveis moralmente, antes excluídos pela autoconsciência (perspectiva antropocêntrica) e pela senciência (perspectiva senciocêntrica).

A teoria de Taylor defende que todas as coisas vivas têm um *bem inerente*[10], em virtude de possuírem um *bem próprio*[11]. A vida é o critério que separa as coisas moralmente consideráveis das não-consideráveis. Para Agar, Taylor apenas desloca a posição de superioridade dos seres sencientes frente ao resto da natureza, traçando uma nova linha divisória mais ampla, contudo, limitadora.

Tais considerações não implicam a negação do valor dos indivíduos por parte dos preservacionistas. Esses reconhecem que a dor, ou o dano, que um indivíduo sofre é independente da espécie à qual pertence. Contudo, Agar chama a atenção para o fato de que focar a consideração moral nas propriedades que os indivíduos possuem, como fazem os individualistas, parece, obrigatoriamente, apontar numa direção contrária, frente àquelas propriedades que os indivíduos possuem somente em virtude de pertencerem a um grupo.

Na perspectiva preservacionista de espécies, muitos organismos são intrinsecamente valiosos porque *representam* o mundo e produzem comportamento apropriado para tais representações. Um dos conceitos centrais na proposta de Agar é o da *meta representacional*[12]. Segundo esse conceito, o comportamento e interesses de um organismo estão direcionados à satisfação das metas próprias desse organismo, o que o torna intrinsecamente valioso. Para Agar, dois fatores são dignos

de consideração em uma meta representacional: 1) a importância dessa meta para aquele que a possui; e 2) a sofisticação representacional de quem a possui[13]. A sofisticação e independência do comportamento do indivíduo correspondem proporcionalmente, de modo inverso à influência do ambiente: quanto menor essa influência, maior será a sofisticação e independência[14].

A sofisticação das metas representacionais e sua preponderância frente a outras metas pode ser observada, segundo Agar, nos casos de altruísmo biológico[15]. Para fundamentar seu conceito e demonstrar seu argumento, o autor recorre ao comportamento da ave *pied stilt*[16]. Com o objetivo de desviar para si a atenção do predador, a ave exibe um comportamento muito perigoso: finge estar com a asa quebrada, parecendo para seu perseguidor uma presa mais fácil. Altruísmo semelhante também é observado entre as abelhas. Para proteger a colméia invadida, muitas cometem suicídio, colocando-se à frente do invasor para tentar retardar seu avanço.

Outra meta representacional nítida e igualmente importante para Agar pode ser observada nos organismos que se reproduzem sexualmente. Sua importância se expressa pelo interesse nos organismos de passar seus genes, para o que necessitam encontrar parceiros com quem acasalar-se. No entender de Agar, a expressão de tal meta talvez seja globalmente a mais evidente entre os organismos que se reproduzem sexualmente. Para esses organismos, não satisfazer tal meta seria a pior coisa que lhes poderia acontecer[17].

As metas representacionais evidentes nos organismos são dignas de respeito moral, tanto pela sua sofisticação quanto pela importância para quem as possui. Uma ética preservacionista protege os interesse das espécies e, segundo Agar, busca classificar as metas de um organismo em termos de sua importância: Em primeiro lugar, respeitar um organismo é respeitar sua meta representacional; em segundo lugar, a meta representacional de um organismo é digna de respeito de acordo com sua importância ou grau de evidência causal, assim como o nível de sofisticação representacional do organismo que a possui[18].

A proposta alternativa de Agar, para o individualismo, refere-se ao respeito pelo interesse dos organismos em preservar e dar continuidade à sua espécie. Para tanto, o autor se baseia principalmente no altruísmo biológico de muitas espécies para com seus pares, e no proeminente interesse daqueles que se reproduzem sexualmente de encontrar parceiros com quem possam se acasalar e se reproduzir. Com base nessas metas representacionais evidentes dos organismos individuais, proteger espécies biológicas é o objetivo principal de Agar ao propor a alternativa de uma ética preservacionista de espécies[19].

## A atitude moral do respeito pela natureza

Em *Respect for Nature*[20], Paul Taylor propõe um sistema ético de respeito a todas as coisas

vivas silvestres. O autor aponta três componentes principais da atitude de respeito pela natureza: 1) a atitude em si mesma, 2) a perspectiva biocêntrica e 3) o sistema ético de padrões e regras que regem normativamente o caráter e a conduta dos agentes morais[21]. Para o objetivo de confrontar a proposta de Taylor frente à perspectiva preservacionista de Agar será suficiente apresentar o que significa para um agente moral e autônomo, na teoria de Taylor, adotar a atitude de respeito pela natureza como atitude moral fundamental. Dois conceitos são essenciais para compreender essa atitude: 1) a idéia de *bem próprio* de um ser e 2) a idéia de *bem inerente* de um ser.

Para dizer que uma coisa pertence à classe de entidades de quem se pode afirmar que tem um bem próprio, Taylor considera importante saber se faz sentido falar do que é bom, ou mau para a *coisa* em questão. Se pudermos afirmar de forma verdadeira, ou falsa, que faz sentido falar do que é bom ou mau para ela, sem referência a qualquer outra entidade, então, se pode dizer que possui um *bem que lhe é próprio*[22]. O bem de algo vivo está conectado com o que é bom para ele e com o que lhe faz bem. O que é bom, ou o que faz bem, é algo que *promove* ou *protege* esse bem. Nesse sentido, promover o bem significa produzir um estado de coisas que ainda não foi realizado em sua existência; condutivo ou que possa livrá-lo de uma condição que seja prejudicial a esse bem. Da mesma forma, proteger o bem de uma entidade pode ser feito de alguns modos: 1) evitar causar-lhe prejuízo, 2) impedir a perda de alguma coisa necessária à preservação de seu bem e, 3) mantê-lo a salvo de perigo[23].

Igualmente fundamental, para Taylor, é o conceito de interesse[24]. O autor defende que há entidades que possuem um bem que lhes é próprio, enquanto o mesmo não se pode dizer quanto ao fato de tais entidades terem necessariamente interesse. Taylor reconhece essas entidades como aquelas coisas vivas que carecem de consciência ou, se conscientes, carecem da habilidade de fazer escolhas; mas de quem faz sentido afirmar que são prejudicadas ou beneficiadas por certas ações. Nessa categoria, Taylor classifica todas as formas de vida vegetal e as mais simples formas de vida animal. Do ponto de vista desses seres, coisas que lhes acontecem podem ser julgadas favoráveis ou desfavoráveis. Para tanto, é necessário ter em mente a nítida distinção entre uma *entidade tendo um interesse em algo* e *algo sendo do interesse de uma entidade*[25].

Em sua teoria do respeito pela natureza, Taylor admite que somente animais são seres a quem é correto aplicar o conceito objetivo de *entidade-tendo-um-bem-próprio,* visto que na proposta de ética biocêntrica toda relevância se concentra na atribuição objetiva de valor. Um dos princípios fundamentais dessa teoria afirma que *todos os animais, por mais diferentes que possam ser dos humanos, são seres que têm um bem próprio*[26]. Entretanto, um segundo princípio fundamental afirma que *todas as plantas são igualmente seres que têm um bem próprio.*

Para reconhecer o bem próprio dos outros seres, Taylor considera importante que os seres humanos sejam capazes de tomar o *ponto de vista* da entidade, da qual se afirma ter um bem, livre de qualquer traço de antropomorfismo, e fazer um julgamento factualmente informado e objetivo

do que é desejável, ou indesejável, desse ponto de vista[27].

A partir da afirmação de que todas as coisas vivas têm um bem próprio, da mesma forma se pode afirmar que tais entidades têm um *bem inerente*[28]. Para Taylor, contudo, é fundamental que os humanos tenham boa vontade para adotar o ponto de vista das coisas vivas não-humanas. Fazer julgamentos desse ponto de vista é um dos elementos centrais para a ética do respeito pela natureza.

Outro fundamento importante na teoria de Taylor prescreve que ações corretas e traços de caráter são moralmente bons em virtude de expressarem ou personificarem a atitude moral fundamental de respeito pela natureza[29]. Os agentes morais adotam tal atitude quando subscrevem para si um conjunto de padrões de caráter e regras de conduta, como seus próprios princípios éticos e se comprometem moralmente em cumprir tais padrões e acatar essas regras. Uma pessoa demonstra genuíno respeito pela natureza somente quando age ou se a recusa agir *por respeito e consideração ao bem das coisas vivas silvestres*[30].

A atitude de respeito pela natureza, segundo Taylor, se expressa no caráter daquele que desenvolve certas virtudes ou traços de bom caráter, capacitando-o, como agente moral, a acatar quatro princípios ou regras do dever[31]: 1) *Não-maleficência*[32]; 2) *Não-interferência*[33]; 3) *Fidelidade*[34]; 4) *Justiça Restitutiva*[35]. A cada uma dessas regras Taylor associa certas virtudes especiais:

- Ao dever de Não-maleficência associa-se a virtude da consideração (*considerateness*): disposição em que o agente se mostra atento e solícito ao bem-estar do paciente moral, não somente na intenção de não prejudicá-lo, mas, também, em não ser negligente com o seu bem[36].
- Ao dever de Não-interferência associam-se as virtudes de 1) distanciamento respeitoso (*regard*), o tipo de respeito que alguém tem com as coisas vivas, levando-o a condenar a colocação de restrições ou ações que interfiram diretamente na liberdade delas, ou acarretem condições ambientais que imponham limites artificiais ao modo de vida de animais e plantas; e 2) imparcialidade (*impartiality*), entendida como a disposição de permanecer neutro frente às diferentes espécies, especialmente quando sob condições não controladas pelos humanos, o bem de alguma coisa ou grupo de coisas vivas está em conflito com o bem de alguma outra. No panorama biocêntrico, a imparcialidade entre espécies está conectada com a negação da superioridade humana[37].
- Confiabilidade (*trustworthiness)* é virtude especial, associada à Regra de Fidelidade. Nessa, o agente terá a firme e constante disposição de nunca levar vantagem sobre o animal que, tendo-lhe depositado sua confiança, possa ser enganado, traído ou trapaceado[38].
- À Regra de Justiça Restitutiva associam-se as virtudes da 1) igualdade eqüitativa (*equity*), disposição para fazer a restituição de acordo com as reivindicações relevantes da justiça e 2) justiça (*fairness*), a disposição geral de querer restaurar o equilíbrio perturbado pela ação errada

de alguém e determinar o tipo e a soma da reparação ou compensação, que deverá ser feita àqueles que foram tratados injustamente no passado[39].

Com respeito às espécies, Taylor considera que as condições particulares constitutivas do bem de um animal, ou planta, dependem do tipo de animal ou planta[40]. O que promove o bem-estar de algumas espécies de organismos não necessariamente promove o bem-estar de outras, podendo mesmo ser prejudicial a elas.

Saber o que significa o bem-estar em particular de um organismo, tanto quanto o que é bom ou mau para ele, consiste em conhecer as características peculiares de sua espécie, tais como estrutura celular, funcionamento interno de suas partes, suas relações externas com outros organismos, aspectos físico-químicos de seu ambiente, entre outros.

Em sua teoria ética, Taylor defende o organismo individual e critica a visão holística, reforçando que organismos individuais têm um bem que pode ser promovido, enquanto o bem de uma espécie pode somente ser expresso estatisticamente. Uma população não tem um bem próprio que seja independente do bem de seus membros. Promover ou proteger o bem das populações não significa que o bem de cada um de seus membros também seja promovido ou protegido. O nível de bem para uma espécie de população é determinado pelo ponto médio de distribuição do bem de seus membros. Taylor insiste que espécie é apenas um termo, uma denominação adotada por convenção, nomenclatura ou classificação dos indivíduos que pertencem a um grupo com as mesmas características[41].

## Considerações finais

Considerando a proposta de Agar, em relação à de Taylor, o autor não oferece muitas novidades no desenvolvimento de uma ética ambiental ampla e aceitável. Sua proposta de respeitar a meta representacional evidente de um organismo pode ser incorporada pelo respeito ao bem próprio de um organismo, na teoria de Taylor.

Agar restringe sua ética à idéia de que não preservar a espécie pode representar um grande dano para aqueles que se reproduzem sexualmente. Pois, não havendo machos ou fêmeas que possam formar pares para o acasalamento, tendo eles um bem-próprio ou meta representacional evidente, tal interesse não seria satisfeito. Da mesma forma, a proteção da prole ou de seus pares, representada pelo altruísmo biológico, expressa uma meta ou bem valioso que o indivíduo tem.

A exigência de Agar, para que a meta representacional de um organismo seja a mais evidente, restringe a consideração de respeito somente àqueles seres capazes de demonstrar certo tipo de comportamento. Taylor, ao contrário, não exige qualquer tipo de expressão objetiva de interesses

das entidades a quem se pretende considerar valiosas. O autor considera suficiente para o respeito, a boa vontade do agente em adotar o ponto de vista da entidade e reconhecer nela um bem inerente, independentemente do interesse de terceiros, ou de sua utilidade para esses. Para Taylor, é suficiente considerar que faz sentido falar do bem da entidade, próprio do seu modo de vida singular, a partir do ponto de vista dela.

Ambos os autores não discordam radicalmente sobre quem é digno de valor e respeito, indivíduo ou espécie. Taylor é um individualista e considera que o bem da espécie é o reflexo do bem do indivíduo. Rejeita a existência de um bem próprio da espécie. Há somente o bem do indivíduo. Agar, por sua vez, partindo de outro ponto de vista para a consideração moral, defende que o bem da espécie, e sua preservação, são as metas mais importantes, expressas para o indivíduo.

Mesmo que o valor, conforme o defende Agar, não seja reconhecido igualmente por nossas intuições em todas as espécies, nossa razão não permite justificar a atribuição de maior valor ou consideração moral a uma entidade, em detrimento de outra, pelo fato de pertencer à uma espécie, e não à outra.

Expostos os argumentos e justificativas dos autores, a defesa de Taylor quanto a considerar o bem próprio de uma entidade a partir do ponto de vista dela, e na perspectiva de seu modo singular de vida, reconhecendo que nele há um bem inerente, é genuinamente uma forma mais plausível para estabelecer os contornos de ética ambiental, cujo valor está na singularidade da vida que se expressa em cada coisa viva, que a torna digna de respeito moral.

**Notas**

[1]Artigo apresentado como trabalho final do Seminário de Ética Prática (2007.2), orientado por Dr. phil. Sônia T. Felipe. Não existe tradução para o português das obras dos dois principais autores apresentados no texto. As citações e referências são tradução livre da autora.
[2]Mestranda em Filosofia da UFSC. Área de Ética e Filosofia Política. Pesquisa em Ética Ambiental, orientada por Dr. phil. Sônia T. Felipe.
[3] In: *ENVIRONMENTAL ETHICS*. Winter 1995, v. 17, nº 4, p. 397 – 415.
[4] Para os antropocentristas, os interesses humanos determinam o valor da natureza. Já os não-antropocentristas vêem as espécies como intrinsecamente valiosas, ou valiosas independentemente de qualquer uso ou benefícios que elas possam trazer aos interesses humanos. Idem, p. 397.
[5] Agar recorre ao conceito de espécie biológica de Ernest Mayr para quem, segundo o autor, é central a idéia de isolamento reprodutivo. A espécie é uma coleção de organismos que internamente se reproduzem, de fato ou potencialmente. Idem, p. 414.
[6] Agar, 1995, p. 398.
[7] Idem, p. 410.
[8] Idem, p. 398-99.
[9] Singer exige que os agentes morais ampliem suas considerações para além dos humanos, incorporando todos os seres capazes de senciência e de autoconsciência. Regan vai além, e sugere considerar os animais autoconscientes, com a capacidade de crer e desejar e metas com respeito ao futuro, os quais qualifica como *sujeitos-de-uma-vida.* Idem, p. 398.
[10] Uma coisa viva possui um bem inerente independentemente de possuir qualquer valor instrumental ou inerente, sem referência ao bem de qualquer outro ser. Cf. Paul Taylor, Paul. *Respect for Nature*, 1989, p. 75.
[11] Dizer que algo tem um bem próprio é afirmar que faz sentido falar que alguma coisa o beneficia ou prejudica., julgada do seu próprio ponto de vista como favorável, ou desfavorável. Idem, p. 63.
[12] Segundo o autor, uma representação se designa por produzir certo comportamento em resposta a certos estímulos. Metas representacionais ou preferências são comportamentos selecionados, que tendem a mudar o ambiente do organismo de certo modo. Agar, 1995, p. 406.
[13] Idem, p. 409.
[14] A idéia de sofisticação representacional, na teoria de Agar, tem como principal referência a concepção liberal de representação e comportamento, desenvolvida por Fred Dretske, para quem é importante distinguir entre "comportamento motivado por uma representação" e mero "movimento movido pelo ambiente". O papel da complexidade estrutural interna especializada é central para um organismo, uma vez que o torna capaz de selecionar movimentos apropriados para certos ambientes. Idem, p. 404.
[15] Agar,1995, p. 412.
[16] Aves esbeltas e graciosas, *pied stilts* ou *poaka (Himantopus himantopus)* podem ser vistas em milhares nos principais estuários e lagos da Austrália, durante o outono e inverno, antes do seu período de reprodução, que acontece entre o final do inverno e início da primavera. Caracterizam-se pela cor negra sobre a copa, nuca, costas e asas, e pela cor branca em outros pontos do corpo.They are black on the crown, nape, back and wings, and white elsewhere. They weigh 190 grams and measure 35 centimetres.Pesam aproximadamente 190 gramas e medem 35 centímetros. "Teara: The Encyclopedia of New Zealand". www.teara.gov.nz. Disponível em: 19/11/2007.
[17] Essa idéia é evidenciada na cena dos pássaros canoros de Bachman, descrita por E. O. Wilson e apresentada pelo autor, que chama a atenção para a frustração de um macho que em perfeitas condições de se reproduzir, por duas primaveras seguidas voltou ao mesmo lugar e durante duas horas cantou para atrair uma fêmea com quem pudesse se acasalar. Seu chamado foi em vão. Nenhuma fêmea apareceu e o pássaro não conseguiu satisfazer sua meta. Idem, p. 412.
[18] Idem, p. 409.
[19] Agar, 1995, p. 414.
[20] Taylor, Paul W. *Respect for Nature. A Theory of Environmental Ethics*. 1989.
[21] Idem, Ibid., p. 59.
[22] Ibid., p. 61-62.
[23] Ibid., p. 62.
[24] Entendido no sentido de ter fins e buscar meios de realizá-lo. Ibidem.
[25] Para saber se algo é do interesse de X, Taylor propõe que não é necessário descobrir se X tem um interesse em algo, mas, se a coisa em questão irá promover objetivamente o bem-estar total de X, sem estar determinado por crenças, desejos, sentimentos ou interesses conscientes que X possa ter. Seguindo essa lógica, objetos inanimados não possuem bem próprio, pois não satisfazem a noção de *interesse.* Ibid., p. 63.
[26] Ibid., p. 66.

[27] Ibid., p. 67.
[28] Uma coisa viva possui um bem inerente independentemente de possuir qualquer valor instrumental ou inerente, sem referência ao bem de qualquer outro ser. Ibid., 1989, p. 75.
[29] O autor define a atitude de respeito como um conjunto de disposições, classificadas em quatro tipos, cada uma constituindo um aspecto ou dimensão da atitude: "valuational", "conative", "pratical", e "affective". Ibid., p. 80.
[30] Ibid., p. 84.
[31] Na análise do conceito de bom caráter, em conexão com a ética do respeito pela natureza, deve-se distinguir dois tipos de traços de caráter: **virtudes gerais** – traços de bom caráter necessários para deliberar e agir de um modo correto, não importando quais regras e princípios morais particulares estejam sendo aplicados e seguidos; **virtudes especiais** – traços de caráter específicos, associados com cada um dos quatro tipos de dever. Ibid., p. 199-200.
[32] No sentido de não prejudicar qualquer entidade que tenha bem próprio em seu ambiente natural. Ibid., p. 172.
[33] Composto pelos deveres negativos da não imposição de obstáculos à liberdade de organismos individuais e a politica de "mãos longe" (*hands off)* com respeito à totalidade dos ecossistemas e comunidades bióticas, assim como dos organismos individuais. Ibid., p. 173.
[34] Aplica-se somente aos humanos em relação a animais silvestres capazes de serem enganados ou traídos por agentes morais. É uma regra baseada no comportamento expresso, conforme as intenções daquele humano em quem o animal silvestre depositou confiança, ou nas circunstâncias nas quais o animal foi levado a crer que estava seguro. Ibid., p. 179.
[35] Impõe o dever de restaurar o equilíbrio da justiça entre o agente moral e o paciente (*subject*) moral, quando este foi prejudicado pelo agente. Ibid., p. 186.
[36] Ibid., p. 207.
[37] Ibid., p. 208-09.
[38] Ibid., p. 210.
[39] Ibid., p. 211.
[40] Ibid., p. 68.
[41] O autor se refere à espécie como um termo que denomina uma classe e lembra que a espécie de urso polar *Thalarctos maritimus* é a classificação de certo mamífero, não um mamífero ou grupo real de mamíferos. Ibid., p. 69, (nota de rodapé).

**Referências bibliográficas**

AGAR, N. "Valuing Species and Valuing Individuals". In: *ENVIRONMENTAL ETHICS*: An Interdisciplinary Journal dedicated to the philosophical aspects of environmental problems. Winter 1995, v. 17, nº 4, p. 397 – 415.

TAYLOR, P. W. *Respect for Nature. A Theory of Environmental Ethics*. New Jersey: Princeton University Press, 1989.

"TEARA: The Encyclopedia of New Zealand". www.teara.gov.nz. Disponível em: 19/11/2007.